



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do Encontro Empresarial Brasil/Venezuela

Recife, PE, 25 de abril de 2003

Na América do Sul, às vezes, a integração depende de uma ponte. Por isso, acabamos de fazer um acordo com o Presidente Alejandro Toledo, para construção de uma ponte ligando Assis Brasil a Iñapari, no Peru, que custa apenas 4 milhões de reais, ou 1 milhão e meio de dólares. Não é muito. Uma ponte de 200 metros vai permitir que os produtos brasileiros adentrem o Peru e que os do Peru adentrem o Brasil; que o povo peruano possa vir, de carro, para o Brasil e o povo brasileiro, de carro, possa ir para o Peru. É um bom começo. Temos várias obras a fazer em parceria.

O que quero dizer aos empresários brasileiros e aos empresários da Venezuela é que, se depender do meu Governo e se depender do BNDES, não mediremos esforços para ajudar nessa integração, inclusive com financiamento.

Eu disse ao presidente Hugo Chávez, em uma reunião que tivemos pela manhã: “nós temos quatro anos de mandato. E quatro anos passam tão rápido, que, às vezes, quando percebemos terminou o mandato”. E tenho dito, em várias oportunidades: não quero passar para a história do Brasil como mais um Presidente da República que ficou conhecido apenas porque as normas protocolares exigem que ele tenha uma fotografia no Salão Nobre do Palácio.

Quero dedicar, se possível, todos os dias do meu mandato para contribuir para essa integração. E peço a Deus que nós e outros Presidentes da América do Sul passemos para a história como aqueles que deram os passos mais importantes para que a integração deixasse de ser um tema sentimental ou sociológico, para ser uma realidade concreta e objetiva.

Meus parabéns aos dois oradores que me antecederam. Parabéns pelos



documentos que leram aqui, nesta tribuna. O presidente Chávez e eu continuaremos a trabalhar. Primeiro, vamos tornar um hábito a reunião dos nossos ministros. O ministro da Fazenda do Brasil se reunir com o ministro de Finanças da Venezuela; o ministro da Agricultura do Brasil se reunir com o ministro da Agricultura da Venezuela, e os ministros das Minas e Energia, dos Transportes, da Saúde, da Educação; e assim por diante.

Nós precisamos transformar em práticas políticas cotidianas essas reuniões, se quisermos tornar realidade o sonho bolivariano. E isso nós queremos fazer com todos os países da América do Sul, porque, se Deus permitir e se depender da minha vontade pessoal, em breve, a Venezuela estará integrada aos países que compõem o Mercosul. E isso nos dará força para outra discussão, que já está em andamento, sobre a implantação da Área de Livre Comércio das Américas.

Eu quero fazer apenas uma ponderação aos empresários: não se iludam de que, individualmente, cada um pode sobreviver sem articulações conjuntas. Precisamos estabelecer o mínimo de condições, tais como foram estabelecidas para a criação da União Européia, com políticas de ajuda aos países mais pobres, para eles se adequarem a partir da infra-estrutura, para competirem no mundo globalizado – ou nós não teremos condições de sobreviver.

Falo isso como Presidente do país que, possivelmente, tenha maiores condições de sobreviver nesse embate. E quero chamar a atenção de vocês: nós precisamos estabelecer pontos comuns. Nós temos que brigar conjuntamente para acabar com os subsídios nos produtos em que somos competitivos com a União Européia e com os Estados Unidos; e temos que discutir, também, políticas para ajudar a desenvolver os países mais pobres do nosso Continente.

Não é apenas uma discussão econômica. É uma discussão que tem que levar em conta se vamos brigar para sermos países soberanos ou se nos contentaremos em continuar a ser apêndices dos países ricos em um mundo



globalizado. Essa é uma definição política e econômica que teremos que fazer conjuntamente.

Eu já disse ao Governo americano, duas das coisas que eu admiro naquele governo. Primeiro, é a definição clara que eles têm de Nação. Segundo, a noção clara que eles têm do seu potencial de força nas relações culturais, políticas e econômicas com o restante do mundo. E exercem essa sua força de todas as formas possíveis. Eles estão brigando para defender seus interesses.

Muitas vezes, na América Latina, os nossos governantes já entram numa reunião de negociação de forma subserviente, como se fossem cidadãos de segunda classe, sem auto-estima e sem se respeitarem.

Eu aprendi, nos meus 30 anos de militância política, que nenhum negociador respeita alguém que começa a negociar de cabeça baixa. Eu acho que nós temos que entrar nas negociações de cabeça erguida, como Nação que somos e que queremos ser, sem acreditar que, individualmente, cada um de nós vai resolver o seu problema.

Aprendi uma lição. Certa vez, para convencer os trabalhadores a acreditarem no Sindicato, eu fiz um boletim em que havia a ilustração de um trabalhador e de um empresário quebrando uma varinha, com uma frase que dizia: “quebrar uma vara é muito fácil”. Ao lado, colocamos o mesmo trabalhador, com um feixe de varas na mão, e o mesmo empresário tentando quebrar esse feixe, sem conseguir quebrá-lo. Quero dizer a vocês que um país sozinho na América do Sul é frágil. Mas se nós determinarmos os nossos pontos de convergência e agirmos de comum acordo, mirando os interesses da América do Sul, podem ficar certos de que nós teremos muito mais força nas nossas relações internacionais.

É com essa idéia, meu caro Chávez, que eu trabalho. E podem ter certeza: a cada minuto no Governo, além de tentar resolver os problemas do meu país, que são muitos, eu quero contribuir para que possamos ajudar os



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

países da América do Sul.

Muito obrigado.

/lrj/rsm